



# Corpo e religião: a teologia cristã frente a abusos sexuais

*Body and religion: the Christian theology about sexual abuse*

Bianca Strücker <sup>[a]</sup>

Pato Branco, PR

Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)

Gabriel Maçalai <sup>[b]</sup>

Ijuí, RS, Brasil

Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC)

Noli Bernardo Hahn <sup>[c]</sup>

Santo Ângelo, RS, Brasil

Universidade Regional do Alto Uruguai e das Missões (URI - Santo Ângelo)

**Como citar:** STRÜCKER, B.; MAÇALAI, G.; HAHN, N. B. Corpo e religião: a teologia cristã frente a abusos sexuais. *Revista Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 15, n. 02, p. 221-233, maio/ago. 2023. DOI: [doi.org/10.7213/2175-1838.15.002.DS05](http://doi.org/10.7213/2175-1838.15.002.DS05).

## Resumo

Neste estudo, parte-se de discussões entre corpo, sexualidade e religião. A pergunta que se apresenta é: como a teologia legítima abusos contra corpos, especialmente os femininos? Para tanto, mesclam-se análise e interpretação, procedimentalmente a pesquisa é bibliográfica e qualitativa. O objetivo do estudo é entender o corpo na religião cristã historicamente até os nossos dias. Ademais, apresenta-se um caso brasileiro com reflexos internacionais: João de

<sup>[a]</sup> Doutora em Direito, e-mail: biancastrucker@hotmail.com

<sup>[b]</sup> Doutorando em Direito, e-mail: gabrielmacalai@live.com

<sup>[c]</sup> Doutor em Ciências da Religião, e-mail: nolihahn@san.uri.br

Deus, que já fora condenado pelo Poder Judiciário por crimes sexuais contra fiéis que procuravam seus trabalhos espirituais. Faz-se análise de (re)leituras do corpo e do sexo na teologia a partir da teologia inclusiva, *queer* ou indecente, que integra a sexualidade de Deus, dos crentes e a libertação das atividades religiosas machistas e tradicionais. Para tanto, utilizam-se os estudos da teóloga argentina Marcella Althaus-Reid.

**Palavras-chave:** Corpo. Sexualidade. Religião. Abusos. Teologia *Queer*.

### **Abstract**

*This study starts with discussions between body, sexuality and religion. The question that arises is: how does theology legitimize abuses against bodies, especially female ones? Therefore, analysis and interpretation are mixed, procedurally the research is bibliographic and qualitative. The objective of the study is to understand the body in the Christian religion historically until the present day. In addition, a Brazilian case with international consequences is presented: João de Deus, who had already been convicted by the Judiciary for sexual crimes against believers who sought his spiritual works. Analysis is made of (re)readings of the body and sex in theology based on inclusive, queer or indecent theology, which integrates the sexuality of God, of believers and the liberation of sexist and traditional religious activities. For that, the studies of the Argentine theologian Marcella Althaus-Reid are used.*

**Keywords:** Body. Sexuality. Religion. Abuse. *Queer* Theology.

---

## Introdução

A história humana demonstra a importância da religião na formação da sociedade. Das cidades-templo aos nossos dias, a religião passou por diversos locais e espaços importantes. Ela nunca sai da vida humana, mas acaba utilizando espaços diferenciados. Não poucas vezes, a religião é uma demonstração de papéis sociais seculares, mas expressos dentro de seus planos litúrgicos.

Vivemos o período em que a religião retorna aos espaços públicos com muita força. Nas casas de poder, estamos a cada dia mais vendo a laicidade ser afastada e os valores religiosos ocupando espaços de fundamentação das decisões estatais tomadas. No entanto, no interior da religião encontramos espetáculos de carnificina e violação aos direitos humanos, sexuais e a própria dignidade humana.

Em que pese influências não cristãs tenham impactado na visão de sexualidade ocidental, este trabalho visa entender o problema dos corpos dentro da religião cristã. Assim, a pergunta que se apresenta é: como a teologia legítima abusos contra corpos, especialmente os femininos. Interpretação e análise, enquanto métodos de abordagem epistêmica, mesclam-se no decurso da reflexão. Procedimentalmente, a pesquisa é bibliográfica e qualitativa. O objetivo do estudo é entender o corpo na religião cristã, passando pela teologia patrística e chegando aos nossos dias. Além disso, apresenta-se um caso brasileiro com reflexos internacionais: João de Deus, que já fora condenado pelo Poder Judiciário por crimes sexuais contra fiéis que procuravam seus trabalhos espirituais.

Analisa-se, no decorrer da reflexão, (re)leituras do corpo e do sexo na teologia a partir da teologia inclusiva, *Queer* ou indecente, que integram a sexualidade de Deus, dos crentes e a libertação das atividades religiosas machistas e tradicionais. Para tanto, utilizam-se os estudos da teóloga argentina Marcella Althaus-Reid. Essa é uma alternativa para os movimentos tradicionais da teologia.

A teologia aqui adotada não faz deste texto um escrito religioso, mas crítico. É inegável que a teologia ocupa um espaço essencial na vida do ser humano por meio da religião, da fé e dos preceitos filosóficos mais íntimos que o ser humano carrega consigo. Assim, não se busca uma suma teológica, e sim um estudo que resgata da teologia elementos que são importantes para as Ciências Sociais e Humanas sem entrar em um embate de cunho espiritual, o qual é íntimo da convicção de cada sujeito, mas em uma reflexão hermenêutica.

Ao abordar o caso de João de Deus, não se realizam críticas a sua religião ou práticas. Retrata-se o que a imprensa brasileira apresentou e não se emite juízo de valor quanto suas atividades. Da mesma forma, não se analisa a fundamentação fática ou jurídica de suas condenações, apenas informações coletadas pela mídia e trazidas com o intuito de embasar o estudo que se apresenta, isto é, para problematizar corpos e religião.

A título de esclarecimento, o termo Teologia *Queer* não é utilizado, neste texto, como sinônimo de teologia Gay, mas como uma visão teológica que percebe o corpo e a sexualidade como importantes para o culto cristão. Da mesma forma, ao se referir ao termo cristão, faz-se referência a quaisquer manifestações religiosas que tenham elementos do cristianismo, sem maiores aprofundamentos em fenômenos religiosos.

## Corpo, sexualidade e pecado: religião e hierarquia social

O corpo é o local de existência do ser, logo, local de prazeres, de desejos, de esperanças, de desesperanças e, conforme a tradução e interpretação, de pecados. Nele se encontram as expressões que permitem linguagens verbais e não verbais. Sorrisos, acenos, apertos de mão. A simples expressão de um sorriso simulado ou uma piscada de olho permitem entender o que o ser humano deseja e o que fará. Serve, inclusive, de convite. O corpo é o local de expressão e vivência da sexualidade. Não que ela comece e acabe nos terminais nervosos de nossos organismos carnis. Inicia no pensamento, no coração ou nos intestinos, como expresso nas linguagens bíblicas. Então, sendo o corpo um corpo sexuado com potencialidade de perigo, do ponto de vista de exercício da sexualidade, da reprodução e da forma de expressão em sociedade, o controle biopolítico (FOUCAULT, 2017) sobre os corpos se apresenta como suposta limitação de atividades nocivas à humanidade.

Nesse sentido, assume papel relevante a religião. Entre promessas futuras, precauções quanto aos castigos, desejos por um porvir melhor, soluções para os problemas terrestres, a religião opera, ainda, como limitadora das vontades humanas, sem a necessidade da ação estatal ou do Direito, embora durante séculos religião e Estado tenham se confundido. Rubem Alves (1989) apresenta a religião como uma cadeia de comportamentos e relacionamentos do ser humano com a divindade e da divindade com o sujeito. Nesse sentido, é comum que as religiões criem um ambiente tirânico, machista, abusivo e seletivo.

Marcella Althaus-Reid (2019) apresenta o Cristianismo como um dosador do próprio Deus de cultura judaico-cristã. Aponta que Cristo, encarnação da própria divindade, teve sua sexualidade usurpada, roubada pela religião, teologia e história. Não se percebe como Cristo aquele que em tudo fora tentado (Hebreus 4:15). A história e a teologia afirmaram massivamente um Cristo que não possui nenhuma tentação sexual. Sim, a sexualidade de Deus fora apagada da memória coletiva da fé cristã. Inclusive, o gênero de Deus é ofuscado, quiçá, para corroborar o discurso machista da fé, já que, na ausência de sexo, é macho<sup>1</sup>.

A Bíblia, em algumas passagens literárias, apresenta o corpo como um local de pecados, que faz separação com aquilo que é sagrado. Paulo escreve que existe uma disputa dentro do ser humano entre carne e espírito, onde carne representa o corpo e as coisas seculares e o espírito representa a espiritualidade, a santidade e a vontade de Deus para o ser humano (Gálatas 5:17). Já a mulher é o elemento mais fraco da relação de um casal (1 Pedro 3:7), não poucas vezes, estando relacionada com o mal, como em Apocalipse, no capítulo 12, em que uma grande prostituta é a representação do mal.

Na Idade Média, período de domínio da religião cristã sobre a sociedade, a sexualidade não era mais bem tratada. O desejo sexual era um inimigo a ser domado. Não se pode olvidar, inclusive, o controle sexual da religião sobre o sexo permitido, lícito, e o condenado. A imagem da mulher é associada, diretamente, à imagem do demônio, da maldade, bem por isso, os afrescos sacros expressam o sexo feminino como ligado ao pecado. O macho, embora abusivo e desregulado em seus desejos, era seduzido e usurpado pelo maligno, a mulher (RICHARDS, 1993).

Nesse período, falar em sexo desviante era o mesmo que falar em danação. Ou seja, os povos que viviam sob um clima apocalíptico consubstanciado pelo monopólio do poder, pelo controle econômico e afirmado pela peste negra, eram castigados por Deus em função dos seus pecados sexuais. Daí se pensar que o sexo conduzia, diretamente à danação, ao castigo e à morte.

De fato, o Cristianismo traz consigo a fusão de religião e moral. Segundo Leal e Rosa (2020, p. 170), essa fusão “torna difícil distinguir que valores são religiosos e que valores são desassociados destes, num sincretismo genérico entre cristianismo e os valores hegemônicos da sociedade”. Assim, os preceitos religiosos deixam os templos e migram para a sociedade. Logo, a moralidade da castidade sexual, pregada pela religião no medievo, é sustentada pelo estabelecimento dos prostíbulos, muitas vezes financiados pelos entes públicos (cidades). Os bordeis eram os locais de afirmação da masculinidade, onde todos os homens tinham direito de realizar seus impulsos sexuais. É que o homem de família, só poderia manter relações sexuais com sua esposa com fins de procriação. Não era lícito para as mulheres obter prazer conjugal. Este, lembramos, estava ligado à ideia de pecado, que era praticado dentro dos bordeis (RICHARDS, 1993).

O crescimento da prostituição fez surgir a solicitação, por parte da sociedade, em regular essa atividade. Nesse aspecto, os programas sexuais pagos nada mais são que frutos do desenvolvimento social, um “mal necessário” praticados por “moças alegres” (ROSSIAUD, 1991) e que deveria fazer parte da vida. Assim, tendo em vista que as prostitutas eram as responsáveis (solitárias) pelos prazeres e pecados naquela época, fora preciso delimitar seu modo de viver e agir. Ficaram restritas unicamente ao bordel, não podendo transitar livremente pelas ruas e, em função de sua escassa virtude, caso transitassem pelas ruas, a exemplo de Paris no Século XV, deveriam fazer sem a exibição

---

<sup>1</sup> Neste sentido, cabe demarcar que as culturas ocidentais, fortemente influenciadas pela teologia cristã, por séculos afirmaram o masculino como neutro. A diferença se mostrava comparando com o masculino. Este vislumbre pode, inclusive, ser notado na linguagem.

“sobre o vestido e o penteado botões de prata ou dourados, pérolas, cintos de ouro ou de prata, saias ousadas, casacos forrados de pele de esquilo e fivelas de prata nos sapatos” (VERDON, 2008, p. 21).

Embora os prostíbulos fossem constituídos de mulheres estrangeiras, em sua maioria, a instituição ganhou notória imponência. Para evitar exageros e manter a ordem pública, as cidades criaram as “zonas de luz vermelha” fora dos centros urbanos e rodeados de perigos e marginalidades. A atividade comercial da prostituição cada vez passou a ser mais restrita em locais, horários e, desde tal momento, passou a estar ligada, diretamente, à violência.

Faz-se necessário destacar aspectos teológicos dos bordeis. Thomas de Aquino (1988) defendeu com veemência a atividade sexual das prostitutas. Não que fosse um feminista amante das liberdades sexuais. Pelo contrário, entendia que o uso exploratório da atividade sexual feminina permitia a (re)afirmação da mulher dentro de sua feminilidade e que estava mais propensa ao sexo e ao pecado. Possuindo essa natureza tão débil, a mulher deveria ser, sempre, observada e regulada pelas atividades de um homem. Essa imagem da mulher surge das concepções Aristotélicas e ganha pulsão com a expansão do Cristianismo. A mulher, nessa concepção, é um homem imperfeito, errante.

Em *Malleus Malificarum*, a mulher ganha um patamar de inferioridade em função de ter sido criada de uma costela recurva, contrária à postura reta do homem. Assim, “em virtude dessa falha, a mulher é animal imperfeito, sempre decepciona e mente” (KRAMER; SPRENGER, 1991, p. 116). Logo, a prostituta era uma expressão de luxúria dada a vários homens (PILOSU, 1995) e não passava de uma expressão do diabo, que buscava o desejo sexual capaz de seduzir os homens (DELUMEAU, 2009). Assim, mesmo a mulher sendo vista como um ser propenso à sexualidade e aos prazeres, tais prazeres eram tidos como próprios dos homens, enquanto elas eram silenciadas.

A inferioridade da mulher é consagrada em textos clássicos do cristianismo e suas ramificações. A ligação entre Eva e o pecado original faz com que seja sempre percebido e reconhecido em cada mulher a partícula de pecado original e que possui um papel auxiliar do homem (PASTORINO, 1985). As mulheres religiosas, cristãs, no entanto, são exortadas a seguir o exemplo de Maria, que ouviu a voz do anjo, e não do tentador, e que observou uma vida sem pecado. Tais fundamentos teológicos produziram o silenciamento e o apagamento das trajetórias femininas do Medievo (OTTAVIANI; SANTINON; MARIOTTI, 2022).

As apontadas conceituações do corpo e do sexo não ficaram adstritas a tempos remotos. Permanecem, mesmo nos dias atuais, conceituando e qualificando o que é, em um sentido fechado, estático, logocêntrico, o homem, a mulher, o hétero, o bi ou o pansexual. Nesses aspectos, está a se referir para além do aspecto mecânico da sexualidade e biológico dos corpos humanos. Fala-se da carga cultural e etimológica que se concentra em definir, socialmente, quem são os sujeitos sexuais.

Assim, o ente feminilizado, pelo viés da religião tradicional, é diabólico. Essa cultura teológica deixou os altares e migrou para os lares e cotidianos familiares. Borrillo (2010) apresenta que o homem que se apresenta divergente de sua sexualidade heterossexual é condenado por rejeitar o privilégio que lhe é concedido pelo falo. A mulher que foge da heterossexualidade deve ser rejeitada por ter negado seu dever de receber em si a sexualidade de um homem. Nesse sentido, o sexo e o gênero são elementos que demonstram o local social de cada sujeito. Isso justifica o corpo como um espaço de interação social com papéis definidos teologicamente, e, conseqüentemente, socialmente.

Silvana Goellner apresenta o corpo como um elemento importante para as ciências sociais e humanas a partir dos movimentos feministas. De fato, nesse aspecto, o corpo deixa de ser visto apenas como um elemento anatômico e biológico:

Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também o seu entorno, ou seja, a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que nele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que falam e a educação de seus gestos (GOELLNER, 2015, p. 135).

O corpo, como espaço para concretização, tanto da religião como do sexo e da sexualidade, não é um mero espaço, elemento material da pessoa humana. Carrega consigo toda a conceituação social, histórica e psicológica do ser

humano. A forma de vestir mostra se o corpo está adequado ou não na sociedade e por qual peregrina. As sexualidades estão intimamente ligadas ao corpo e este as manifesta para colocar em prática os desejos e ânsias que são interiorizados ou mesmo negados.

Nesse sentido, Goellner (2015) acrescenta que a dimensão cultural do corpo faz com que surjam hierarquias sociais que são manifestas. Borrillo (2010) possui a mesma compreensão. Para o autor, o corpo manifesta-se por meio da materialização da sexualidade, que a sexualidade é masculina<sup>2</sup> e que os “comportamentos heterossexuais são os únicos que merecem a qualificação de modelo social e de referência para qualquer outra sexualidade” (BORRILLO, 2010, p. 16). Em contrapartida, todos os comportamentos sociais e sexuais divergentes ao macho heterossexual são de “prova, sempre presente, de uma personalidade inacabada, produto de uma deficiente interação à sua ‘natureza’ masculina ou feminina” (BORRILLO, 2010, p. 34). Em outras palavras, padrões sexuais diferentes, ou sua ausência, representam risco ao regramento humano já demonstrado, imposto e aceito como padrão social.

Havendo uma supressão tão impactante das diferenças, especialmente das de cunho sexual (FOUCAULT, 2017), ou há imposição ou resignação ao silêncio entre as pessoas que estão vivendo sua sexualidade de modo distinto. Musskopf (2015) diz que a sexualidade divergente está banhada pela ocultação, pelo silêncio, pela camuflagem. É que assumir uma vida sexualmente ativa para uma mulher, mesmo no século XXI, representa que a mesma não é dada para os bons costumes, a moralidade ou à família. Dizer que uma pessoa assume o papel de ter prazer sexual fora dos elementos padronizados (heterossexualidade) é o mesmo que trazer para si uma série de estigmas e preconceitos enraizados e naturalizados. Esse silêncio, para o autor, conduz à negação. É que se alguém não se manifesta sobre algo é por não existir para aquele assunto. Aos poucos a divergência sexual vai desaparecendo.

Nogueira e Veronese apresentam um quadro quanto à invisibilidade do feminicídio, uma das principais questões de gênero na atualidade. Para os autores, “é comum se ouvir dizer sobre os homens: ‘Coitado, ele sempre foi um bom homem! Era calado e calmo, apesar de estranho, mas fazia tudo para a esposa! Essa pessoa que matou a gente desconhecia!’” (NOGUEIRA; VERONESE, 2020, p. 232). Em contrapartida, em relação às vítimas, mulheres e, estendendo aqui, a todo ente feminilizado, surgem sempre versões negativas quanto às suas existências e mortes: “não faltam amantes nas narrativas e outros enredos que justificariam, em tese, a valoração socialmente aceita de que ‘Essa mulher merecia mesmo é morrer’ ou ‘Eu sou macho, também faria o mesmo’” (NOGUEIRA; VERONESE, 2020, p. 232). É a vida humana sendo exterminada, silenciosamente, com a convivência social.

Borrillo (2010) menciona que todos os direitos, nas sociedades ocidentais, podem ser gozados com liberdade. Exceto os direitos sexuais, que só são exercidos. A sexualidade ainda é um empecilho para o livre exercício dos direitos humanos ou sua perfectibilização. Não há como uma mulher ter plenitude do direito à vida se não pode consultar o médico e mostrar o seio com nódulo, provavelmente um câncer, já que esse membro pertence apenas ao marido. Nem poderá comunicar a violência doméstica à autoridade policial se todo o sistema é masculino. Seu corpo morto não poderá ser velado com dignidade se, mesmo morta por uma violência de gênero (feminicídio), ela será a culpada de sua própria morte.

Corroborando, Angelin e Martins (2019, p. 09) afirmam que “ideologias religiosas fundamentalistas cristãs realizam leituras descontextualizadas de passagens bíblicas, impondo e justificando relações de poder e violências simbólicas contra as mulheres, sacralizando-a.” Segundo estes autores, no Medievo, as mulheres só ganhavam algum reconhecimento com o casamento e com a procriação. Porém, nem mesmo no matrimônio estavam seguras, pois a Lei Civil e o Concílio de Toledo (Século XII) tratavam da “possibilidade de aplicação de castigos físicos pelos maridos às mulheres que não se adequavam aos moldes exigidos, muitas vezes resultando em morte” (ANGELIN; MARTINS, 2020, p. 09).

Como visto, as teologias medievais e contemporâneas mantêm a mulher e o divergente sexual sob um controle biopolítico e de dominação sexual. Isso repercute no fenômeno religioso que, mesmo nos dias atuais, interfere na vida política e econômica da sociedade ao tutelar sobre as existências de corpos e sexualidades. Porém,

---

<sup>2</sup> Para Borrillo, “o desfecho do espetáculo sexual é sempre protagonizado pela penetração e pela ejaculação do homem” (2010, p. 29).

não se pode dizer que há consenso nestas leituras teológicas, embora sejam hegemônicas. Existem leituras divergentes sobre o papel da sexualidade frente à teologia, como os escritos de Marcella Althaus-Reid, que se analisam a seguir.

## Apenas um exemplo exuberante de abusos

Como se sabe, as teologias não se bastam apenas aos padrões cristãos, evangélicos ou católicos. As teologias se aplicam a qualquer prática que envolva o transeunte, a espiritualidade, a fé. Alves (1984) aponta a existência de um sistema religioso que embaraça a existência humana com promessas de cura, libertação de mazelas sociais e econômicas, falências e problemas familiares. Esse emaranhado de promessas terapêuticas leva o ser humano aos sacrifícios aguardando bênçãos materiais e espirituais, presentes ou futuras, além do perdão.

O sacrifício exige, ainda, uma fé inabalável, que não comporta dúvida ou questionamento quanto à legitimidade. É aceito que frente a práticas religiosas, as pessoas entreguem seus bens, dinheiro, trabalho, sexualidade, e, inclusive, filhos. Tais práticas são demonstradas na história humana. Scott, falando sobre a história do cristianismo, inicia seu clássico *As catacumbas de Roma* mencionando a religião em períodos passados, na Antiguidade, em que os cultos consistiam, especialmente em atos ou ritos exteriores que o sentido de sacrifício era máximo já que os rituais “compreendiam sacrifícios, ofertas, orações, incensos, peregrinações a lugares santos ou relicários; procissões em honra dos deuses; jejuns, abstinências, mortificações, penitências, observância de festas” (SCOTT, 2019, p. 14), além de práticas que viciavam.

O autor adiciona comentários quanto à prática de oferecer sacrifícios humanos, dizendo que não se pode precisar a data de início, mas evidencia a forte influência que essa prática teve no passado. Segundo Scott (2019, p. 14), “os cananeus, há 3.300 anos, a praticavam, oferecendo seus filhos aos ídolos de Canaã, especialmente a Moloque”. O fato de entregar entes queridos ou o próprio corpo à religião era uma prática comum que passou a ser reprovada ao longo do tempo. Porém, na atualidade, atrocidades ainda são praticadas em nome da fé.

Ganhou destaque nacional e internacional os eventos criminosos envolvendo um dos líderes mais conhecidos do espiritismo no Brasil, João Teixeira de Faria, conhecido como João de Deus<sup>3</sup>. Na atualidade, até séries documentais foram construídas para contar a história de abusos sexuais praticados por esse sacerdote durante os cultos em que realizava especialmente em seu Centro, em Goiás, mas também em outras cidades do Mundo. O médium era reconhecido pelas cirurgias espirituais que praticava.

Ressalta-se que o objetivo do estudo não é criticar a religião ou a fé das pessoas envolvidas no mistério de João de Deus. Todavia, a partir de sua representatividade, enquanto fenômeno religioso, e de sua condenação por abusos sexuais, cabe debater sobre como a religião pode ter impactado na prática destes crimes por tantos anos.

Conforme a notícia do portal G1, publicada por Rafael Oliveira em 20 de janeiro de 2020, João de Deus fora condenado a mais de 40 anos de prisão em regime fechado em função dos crimes sexuais cometidos durante os cultos que realizava em Abadiânia. Além disso, já havia sido condenado a quatro anos em regime semiaberto, em novembro de 2019, e a 19 anos em regime fechado por crimes sexuais. Não obstante, muitos outros processos aguardam análise pelo Judiciário.

Em dezembro de 2018, vieram a conhecimento público dezenas de denúncias de mulheres que afirmavam ter sofrido violência sexual por parte do médium. Segundo informações do G1, o Ministério Público de Goiás havia recebido 320 comunicações e já fora denunciado pelo Ministério público pela prática de crimes sexuais, falsidade ideológica, corrupção de testemunha, coação, porte ilegal de arma de fogo e munição e apreensão de documentos.

Além do número de vítimas, chama atenção o fato de que o mesmo utilizou a religião, a fé dos crentes e, especialmente, os momentos de maiores vulnerabilidades, geralmente diante de doenças, angústias e problemas sem solução em outras esferas (Medicina, Farmácia, Judiciário) para cometer as práticas delituosas condenadas pelo judiciário

<sup>3</sup> Souza e Torres (2022) ressaltam a identidade religiosa e cristã do espiritismo, justificando o recorte da pesquisa.

brasileiro. Seu trabalho era a solução para adversidades de artistas, políticos, autoridades e da população em geral, que lotava a cidade e suas reuniões, não importando cobrança ou não de valores.

Esta seria uma hipótese para compreender o silêncio e a impunidade sobre os casos até 2018. Neste sentido, somam-se as assimetrias sociais do país, considerando-se as desigualdades de classe – que frequentemente dão tratamentos distintos para práticas semelhantes a depender do poderio econômico do sujeito que pratica atividade ou ato reprovável. João de Deus possuía grande concentração de rendas e posses em sua cidade e região.

Ainda buscando hipóteses para compreender o caso em tela, João de Deus exercia forte influência no cenário nacional e internacional (como duvidar de alguém que atende Presidentes da República e possui reconhecimento internacional). Aliás, o Brasil com frequência utiliza-se de práticas não republicanas, tratando casos e pessoas – jurídica e socialmente – de modo diverso. Por fim, no campo de interpretação hipotética, a religião poderia ser apontada como um fator de peso para determinar como se dá a escuta ou o silenciamento das vítimas, especialmente quando um líder de tamanha importância é o autor das práticas delituosas. Ainda hoje, para muitas pessoas, a religião, representada pelas ações e palavras de líderes religiosos, é inquestionável.

Palavras e ações de líderes religiosos são ainda tidas como inquestionáveis afinal, por séculos, de fato não poderiam ser questionadas. Representam a vontade da própria divindade. O toque do líder é o toque de Deus. É o fundamentalismo religioso presente, inclusive, nas situações mais ordinárias da vida coletiva e individual. Esse tipo de exercício da religião, seja ela qual for, carrega consigo aspectos de opressão quando ouvidos e internalizados pelos fiéis que vivem inconscientemente sua filosofia, sobretudo nos momentos de desespero, como a doença ou o fracasso financeiro (ALVES, 1984).

Quando alguém ousa levantar sua voz, buscando respeito a sua dignidade e, inclusive, sua saúde, estamos diante de situações em que os líderes religiosos utilizam do princípio teológico da liberdade de interpretação da Bíblia e as garantias constitucionais de liberdade de consciência, religião, expressão, culto e organização religiosa que são utilizados, não mais como garantia negativa contra intervenções estatais, mas para justificar quaisquer formas de abuso religioso (SANTOS; LUCAS, 2019).

É preciso ressaltar que as teologias dominantes são machistas, construídas e interpretadas por homens e para o bem de homens, assim como a sexualidade. As práticas e os rituais religiosos são demonstrações de que as mulheres e divergentes vivem em subordinação e que os homens assumem uma posição dominante. Marcella Althaus-Reid relata sua experiência enquanto infante religiosa na Argentina. A autora recorda que durante as celebrações, as mulheres ajoelhavam frente ao falo do padre, em sinal de respeito à autoridade do falo da igreja e do padre. Para ela, esse é o mesmo ângulo com o qual as mulheres estavam dentro da Igreja. “Era a distância e a localização das mulheres em relação à autoridade e ao abuso” (ALTHAUS-REID, 2019, p. 37).

Nesse sentido, a submissão da imagem feminina dentro do contexto religioso faz com que a vida das mulheres seja esquecida e limitada, inclusive, em relação à intimidade com Deus. Em outra obra, *La teologia indecente*, Marcella inicia seu texto trazendo a história das mulheres vendedoras de limões da Argentina que se sentam nas ruas, sem calcinhas, com seus filhos em volta, lidando com sua escassa economia. Elas podem trabalhar sem calcinha, somando sexualidade, família e economia em seu trabalho. As teólogas não. Tradicionalmente, não estão autorizadas a trabalhar sem calcinha. Isto é, as mulheres não estão autorizadas a terem sua própria economia, suas relações familiares e, mesmo assim, terem acesso a Deus (ALTHAUS-REID, 2005).

Não é por acaso que as mulheres ainda ocupam lugares minoritários nas religiões. Não ocupam os cargos eclesiais mais altos na maior parte das profissões de fé dominantes no âmbito cristão. Talvez, Aimee Semple McPherson, fundadora da Igreja do Evangelho Quadrangular, seja um exemplo contra-hegemônico de mulheres com relevância religiosa mundial. Mesmo assim, sua história está desmoralizada. Parece que, embora tenha formado um movimento religioso mundial que perdura há muitos anos, o que mais importa era seu suposto envolvimento com drogas, bebidas, romances e vida sexual desregrada (CATUNDA, 2020).

Em todo caso, o corpo é elemento importante da religião, embora seja renegado e colocado ao lado do pecado e do instinto humano falível. Althaus-Reid traz considerações sobre esse tema:

Os sistemas de crença são organizados em torno dos corpos das pessoas e corpos das pessoas em relacionamentos, e em relacionamentos sexuais. A intimidade das pessoas tem historicamente sido um espaço de localização dos sistemas de crenças. Mas as identidades das pessoas permitem aqui uma crença em uma espiritualidade em diáspora, de graça em movimento (ALTHAUS-REID, 2019, p. 69).

Logo, sem corpo não há sexualidade. O próprio Cristo encarnado é uma demonstração da necessidade da materialidade da religião cristã. As atividades que envolvem nossas crenças são praticadas fisicamente com nossos corpos e atividades corporais. Não há como praticar o cerimonial sem ter contato corpo a corpo. E todo corpo, mesmo em meio a práticas religiosas, é um corpo desejante e desejável.

Todavia, assim como no mundo secular se debate o consentimento como ponto de ruptura entre uma prática sexual e uma violência sexual, o mesmo deve ocorrer no âmbito religioso. Não se pode conceber que líderes religiosos utilizem da influência que exercem sobre os fiéis para subjugar sexualmente, ao mesmo tempo em que pregam uma teologia excludente para práticas sexuais diversas do padrão heteronormativo e, também, ao mesmo tempo em que mulheres, que têm sua sexualidade negada, baseado, muitas vezes, em valores religiosos, são as maiores vítimas de violências sexuais.

Como visto, o corpo é o local de existência do ser, inclusive de exercício da religiosidade. Todavia, por séculos se propagou a ideia de negação do corpo enquanto *locus* sagrado para o culto do crente, uma vez que no corpo existe pecado e é a expressão deste mundo em contrariedade ao espaço de Deus, sagrado e perfeito. Os corpos femininos, tidos como mais débeis e próximos de cair em tentações do que os masculinos, quando feridos, mesmo em espaços religiosos, são descredibilizados. Diz-se: “isso deve ser uma mentira” ou “deve ser algo a ser escondido”, afinal, como ocorre nos casos de feminicídio, se uma mulher sofreu uma violência ela deve ter provocado ou merecido. Trata-se da reprodução da ideia de que o útero é profano, ruim, símbolo do pecado (ARAUJO, 2020, p. 215). O mesmo ocorre com quem ousa negar sua masculinidade (BORRILLO, 2010).

Mas, nem toda perspectiva precisa ser essa. As teologias contra-hegemônicas, de aceitação das diferenças, das múltiplas formas de ser e apresentar-se ao mundo, seja pelo corpo, pela sexualidade, pela fé, abrem horizontes interpretativos para os textos sagrados, sem desrespeitar o credo de qualquer pessoa.

## **Por uma teologia respeitável**

A teologia feminista, de gênero ou *Queer* surgiu com os movimentos feministas e com as ideias que permitiram, em outros campos do saber, compreender o espaço da mulher e da diversidade sexual fora da “caixa” machista, eurocêntrica e capitalista que lhe fora outorgado e homologado pela sociedade religiosa. Essa nova perspectiva teológica permite ver o ser humano como obra, criação de Deus enquanto diversidade. Mais que isso, permite ver Deus como diverso, desviante e sexual. Essa teologia visa não apenas apresentar, provar a experiência sexual divergente como válida, mas assumi-la como espaço apto para a construção teológica (MUSSKOPF, 2010).

Dentre os marcos teóricos desta teologia, encontra-se Marcella Althaus-Reid, escritora argentina com reconhecimento internacional e que cumpriu seu ofício docente junto a Universidade de St. Andrews, no Reino Unido. Ademais, laborou, na última fase de sua carreira, na Universidade de Edimburgo, na Escócia. No Brasil, a editora Metanoia, em 2019, publicou tradução do livro da autora de título *Deus Queer*. Mas sua vasta obra, que se pode chamar, ironicamente, de teologia indecente, trouxe argumentos e amparo para a construção de uma cristandade mais livre e coesa.

Marcella advoga a tese de que todos<sup>4</sup> precisam deixar o armário. Nesse sentido, homens, mulheres, héteros, homo, bi, pansexuais, todos precisam deixar a sexualidade aflorar sem preconceitos. Inclusive, chega a dizer a que a função da teóloga é tirar Deus de seu armário. Ou seja, a teologia Queer:

restaurou o Outro no Outro, isto é, provou que Deus tem uma parte traseira. É Deus quem confessa o não-alinhamento primordial de Deus consigo mesmo, isto é, as costas de Deus são feitas de diferença (ALTHAUS-REID, 2019, p. 36).

A teóloga, nesse aspecto, não está dizendo que todas as pessoas são bissexuais. Mas está afirmando a existência de armários onde as experiências humanas são guardadas e escondidas. É como se alguém precisasse esconder sua identidade, corporalmente manifesta, nos armários. Os armários, assim, são espaços de maior liberdade para manifestação própria. A autora segue comparando a teologia à própria vida com os tangos e canções latinas que “são heterossexuais em suas superfícies, mas também têm seus armários” (2019, p. 41).

Vejamos que a linguagem de Marcella é extremamente simbólica e real. Os tangos são músicas que enaltecem as formas de viver o exílio, tanto externo quanto interno. Nesse sentido, o armário do tango protege-os quanto às experiências de exclusão externas e internas. A exclusão está diretamente relacionada com os problemas de gênero, silêncios e ofuscamento das personalidades, vidas e mortes vitimadas pela violência institucional. Assim, a teologia *Queer* busca a liberdade do ser humano dos espaços prisionais que lhe são entregues.

Nessa mesma linha, é de reconhecer o papel do que Marcella chama de “teóloga bissexual crítica”: é uma teóloga de/em exílios. A autora entende o endereço oculto no meio do caderno para não ser demonstrado, aquela que não permite que o amante ligue durante os finais de semana que o relacionamento não seja conhecido ou dos namorados que não podem estar de mãos dadas na igreja. É que ela “é aquela que conhece seu armário, mas também suas complexidades” (ALTHAUS-REID, 2019, p. 42).

Segundo Marcella, “o desejo da Teologia *Queer* precisa dar lugar ao desejo localizado, isto é, ao prazer. A Teologia *Queer* é uma teologia materialista que leva os corpos a sério” (2019, p. 39). Isso é, os abusos sofridos pelos corpos afastados do poder e da dignidade sexual, excluídos de sua vida cotidiana. E é um ato de amor, já que

as teólogas queer são aquelas que levam em consideração a quais excessos Deus levou o seu amor pelos humanos, isto é, quais são os desejos transgressivos de Deus e como tristemente domamos ou limitamos tais vilanias (ALTHAUS-REID, 2019, p. 45).

Ou seja, essa linha teológica pretende ver Deus como um ser amoroso capaz de transgredir as normas humanas ao longo da história para permitir nossa vivência humana. No entanto, na visão de Marcella, castramos a divindade já que nossa práxis teológica acabou apagando da história de Deus Sua sexualidade e passamos a condenar os humanos que vivem seus desejos e prazeres. Por outro lado, a função da teologia que respeita os corpos é reconhecer Deus e permitir que Deus seja livre: “a possibilidade de libertar Deus do *status* de Deus como refém de uma Teologia Heterossexual, e desta forma desafiar-nos a uma teologia a partir dos relacionamentos amorosos nas margens” (ALTHAUS-REID, 2019, p. 59).

Nesse sentido teológico, o corpo é importante. A afronta ao corpo é ainda um pecado a ser combatido, intolerável. Ela elege uma nova fronteira para a vida, pois as antigas fronteiras teológicas já não representam mais o amor vivenciado entre Deus e seus filhos, filhas e filhas. Assim, a teologia que Marcella chama de *Queer*, mas que na verdade não é apenas uma teologia que respeita as individualidades e a integridade do ser humano, é construída a partir do corpo e é uma teleologia “do corpo em viagem que cruza fronteiras entre países inomináveis, e que é

---

<sup>4</sup> Nesse todos, consideramos teólogos. Esses teólogos são leigos, profissionais de outras áreas e até mesmo os pós-graduados em teologia, já que Teologia não é feita apenas nos ambientes acadêmico e eclesial, mas, também, em ambientes diversos e por sujeitos que conhecem ou não os rudimentos da ciência.

doado por beijos transversais e reconfigurações de desejo” (ALTHAUS-REID, 2019, p. 79). Assim, a teologia se torna “ineducável e incorrigível, uma graça não-habituada” (ALTHAUS-REID, 2019, p. 80).

Então, o único limite desta nova teologia é a negação do corpo, do sexo, do desejo, da sexualidade e do prazer. Não há como fazer teologia com limites, sem sexo ou sem respeito pelo corpo do outro. Vejamos, o corpo, por essa teologia, embora seja um local de culto (sagrado), respeita cada sim e cada não sexual enfrentado no relacionamento com o outro. Se o corpo precisa de respeito, não é possível violá-lo, ademais, é um espaço sagrado.

Essa perspectiva tão criticada, que pensa Deus fora da heterossexualidade, sendo esta inaceitável para alguns, é uma boa opção frente àquelas que colocam a mulher e o desviante como problema. E não que a heterossexualidade seja problemática. O problema, de fato, reside nas hierarquias sociais que a heterossexualidade traz e que são naturalizadas. Por isso, é preciso pensar Deus como onissexual, e não heterossexual.

Segundo Ribeiro (2020, p. 201), a cultura cristã comumente coloca a heterossexualidade em destaque. Em suas palavras, “é como se a heterossexualidade se tornasse um ídolo, sacralizada como a única epistemologia sexual de valor.” O que é contraditado pela teologia sexual de Marcella Althaus-Reid, visto que esta teologia procura experiências populares e sexualmente desviantes para tratar da fé cristã. “A autora considera que é preciso redescobrir a face de Deus nos que são dissidentes sexuais e que vivem dentro de formas diferenciadas de relacionamentos amorosos e de identidades sexuais” (RIBEIRO, 2020, p. 201). Logo, essa nova percepção da Teologia e da religiosidade permite um processo de afirmação da diversidade e de reconhecimento das dissidências sob o ponto de vista cristão.

Esse (re)pensar da sexualidade de Deus e da teologia se mostra em uma perspectiva de superar as hierarquias sociais que a heterossexualidade naturaliza. O Deus Onissexual é “de toda forma sexual e em todas as coisas, sexual” (ALTHAUS-REID, 2019, p. 82). Isso impede olhar para o corpo feminino como um corpo pecador, ou o *queer* como predestinado ao inferno, por si só. Que os abusos e as violências sociais e, principalmente religiosas, são inaceitáveis. Ninguém tem o dever de ser abusado, desprezado ou humilhado. Ninguém poderá ser utilizado para aliviar as tensões como as prostitutas foram e são utilizadas. Longe de praticarmos pecados imperdoáveis<sup>5</sup> ao olhar para Deus como onissexual, estamos olhando Deus como olhamos para nosso próximo, alguém que existe, que é real, que é humano e não é abuso. Pelo contrário, é a vítima sofredora que já fora crucificada, torturada, morta, mas que parece esquecida, especialmente quando quem sofre, hoje, é uma mulher, negra, pobre, sexualmente divergente, favelada.

## Considerações finais

A teologia tradicional, desde os tempos mais remotos, encara o corpo como um espaço de pecado e maldição. O corpo feminino, por seu turno, é a própria encarnação do diabo. Nesse sentido, por ser um elemento que precisa ser controlado, dominado, empurra a sexualidade e o prazer para os armários, espaços escondidos onde a privacidade faz revelar o verdadeiro sujeito que está presente na vida cotidiana.

Por seu turno, a teologia *Queer* observa a sexualidade e o corpo como *locus* sagrados para a concretização da vida humana em sua plenitude. Inclusive, deixa evidente que Deus utiliza Seu corpo como meio de culto e que os seres humanos, da mesma forma, revelam sua profissão de fé pela instrumentalização de seus organismos físicos.

Não que toda construção teológica realizada até a chegada da teologia da libertação e sua variação, a teologia *Queer*, seja desprezível. Pelo contrário, o fazer teológico exige respeito e consideração. No entanto, pode ser aperfeiçoado pelas críticas trazidas pelas novas percepções do mundo cristão. Assim, antes de adotarmos a teologia de Marcella Althaus-Reid como uma visão verdadeira e irrefutável de mundo, é bom a termos como uma crítica construtiva e desconstrutiva a ser observada pela religião tradicional. É preciso criticar, tanto a teologia tradicional, quanto a indecente, e construir uma teologia humana.

---

<sup>5</sup> Pecado contra o Espírito Santo (Marcos 3:28-30).

Nesse ínterim, a teologia é um espaço de construção que sai dos templos e dos livros sagrados e chega à vida cotidiana, aos lares, famílias, trabalhos e bares. Ou seja, as visões apresentadas pela teologia são repercutidas na vida pública daqueles que professam suas religiões e, inclusive, daqueles que se dizem ateus ou que não praticam a religião.

Nesse sentido, uma visão mais humana, carnal, viva e responsável da teologia, fazendo do corpo e da sexualidade espaços de maior respeito e comprometimento com a vida humana. Não que casos como o de João de Deus não possam se repetir dentro de uma teologia *Queer*, mas, provavelmente, as vítimas dos abusos não seriam escondidas ou desconsideradas, e os casos seriam mais claramente vistos e coibidos.

Objetivamente, respondendo à pergunta inicial, de como a teologia autoriza e legitima abusos ao corpo e à sexualidade, especialmente femininos, a resposta é que ela, tradicionalmente, nega a existência da sexualidade ou a sacralidade do corpo e dos desejos eróticos. Depois, em função dos papéis sociais, que são apresentados e mantidos pela religião, afastamos a dignidade do corpo feminino e tornamos o sexo e a religião machistas. Por fim, as práticas religiosas se tornam fundamentalistas e, como tais, inquestionáveis.

## Referências

ALVES, R. *O que é religião*. Brasília: Brasiliense, 1984.

ALTHAUS-REID, M. *Deus Queer*. Rio de Janeiro: Metanoia, 2019.

ALTHAUS-REID. *La teologia indecente: Perversiones teológicas em sexo, género y política*. Barcelona: Bellaterra, 2005.

ANGELIN, R.; MARTINS, P. A. M. Se te agarro com outro te mato: Reflexões sociojurídicas sobre o feminicídio no Brasil. *Coisas do Género*, São Leopoldo, v.5, n. 2, p. 06-20, jul./dez. 2019.

ARAUJO, S. H. R. de. A mulher, o pecado e Jesus. *Paralellus*, Recife, v. 11, n. 27, p. 209-223, mai./ago. 2020. DOI: 10.25247/paralellus.2020.v11n27.p209-223.

BORILLO, D. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. São Paulo: Autêntica, 2010.

CATUNDA, D. Os escândalos Pentecostais de Aimee Semple McPherson, fundadora da igreja quadrangular. *EIS-ME AQUI*, 2017. Disponível em: <https://www.eismaqui.com.br/estudos-biblicos/os-escandalos-pentecostais-de-aimee-semble-mcpherson/>. Acesso em: 09 de jul. 2020.

DELUMEAU, J. *História do medo no Ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada*. Tradução por Maria Lucia Machado e Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FOUCAULT, M. *A história da sexualidade: a vontade de saber*. vol. I. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

GOELLNER, S. C. C. Corpo. In: COLLING, A. M.; TEDESCHI, L. A. (organizadores). *Dicionário Crítico de Género*. DouRados: UFGD, 2015. p. 141-144.

KRAMER, H.; SPENGER, J. *Martelo das feiticeiras*. Tradução por Paulo Fróes. 4 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1991.

LEAL, J. de L.; ROSA, A. da. Neopentecostais e o Poder Punitivo: A Religião Como Palanque Político. *Prim Facie*, v. 19, n. 41, p. 165-194, 7 ago. 2020.

MUSSKOPF, A. S. *Uma brecha no armário: perspectivas para uma teologia gay*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.

NOGUEIRA, S. V.; VERONESE, O. Aportes conceituais sobre o fenômeno do feminicídio. *Outros Tempos*, vol. 17, n. 29, p. 221-239, 2020. DOI: <https://doi.org/10.18817/ot.v17i29.753>.

OLIVEIRA, D. Justiça condena João de Deus a mais 40 anos de prisão por crimes sexuais. *G1*, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2020/01/20/justica-condena-joao-de-deus-a-40-anos-de-prisao-por-crimes-sexuais.ghtml>. Acesso em 09 jul. 2020.

OTTAVIANI, E. S.; SANTINON, I.; MARIOTTI, L. T. O silenciamento das mulheres como entrave ao discipulado de Iguais, *Revista de Cultura Teológica*, n. 103, p. 164-191, set./dez. 2022. ISSN 2317-4307. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/59852>. Acesso em: 18 ago. 2023. DOI: <https://doi.org/10.23925/rct.i103.59852>.

PASTORINO, A. *La condizione femminile nei padri della chiesa*. Estrat-to da: Sponsa, Mater, Virgo. La Donna nel Mondo Biblico e Patristico - Istituto di Filologia Classica e Medievale, Genova, 1985. Disponível em: <https://sites.google.com/site/agostinopastorinostudioso/la-condizione-femminile-nei-padri-della-chiesa>. Acesso em: 18 ago. 2023.

PILOSU, M. *A mulher, a luxúria e a Igreja na Idade Média*. Tradução por Maria Dolores Figueira. Lisboa: Estampa, 1995.

RIBEIRO, C. de O. Pensamento teológico crítico latino-americano: o legado de Rubem Alves e Marcella Althaus-Reid. *Religare*, v.17, n.1, p.178-204, ago. 2020. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1982-6605.2020v17n1.51262>.

RICHARDS, J. *Sexo, desvio e danação: As minorias na Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

ROSSIAUD, J. *A Prostituição na Idade Média*. Tradução por Cláudia Schilling. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

SANTOS, A. L. C. Os acoplamentos estruturais entre os sistemas religioso e jurídico na contemporaneidade e as normatizações dos fundamentalismos. *Revista Latinoamericana de Derecho y Religión*, v. 5, n. 1, p. 1-36, 2019. DOI: <https://doi.org/10.7764/RLDR.8.93>.

SCOTT, B. *As catacumbas de Roma: O testemunho e o martírio dos primeiros cristãos*. 47. Reimpressão. Rio de Janeiro: CPAD, 2019.

SOUZA, A. R. de.; TORRES, N. C. As duas faces evangélicas do espiritismo brasileiro. *Religião & Sociedade*, v. 42, n. 1, p. 221-240, jan. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/H8gZgpwVktTzxPgDczZYg4q/#>. Acesso em: 18 ago. 2023.

TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1988. Disponível em: <https://sumateologica.files.wordpress.com/2017/04/suma-teolc3b3gica.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2021.

VERDON, J. Os bordeis, casas das mais toleradas. *Revista Arquivos história viva* 3, n. 3, p. 16-21, 2008.

RECEBIDO: 29/07/2022  
APROVADO: 19/08/2023

RECEIVED: 07/29/2022  
APPROVED: 08/19/2023